



P141a

Padura, Leonardo

Água por todos os lados [recurso eletrônico] / Leonardo Padura ;
tradução Monica Stahel ; seleção e edição de textos Lucía López Coll. -
1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2020.

recurso digital

Tradução de: Agua por todas partes

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital edition

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5717-005-2 (recurso eletrônico)

1. Criação (Literária, artística, etc.). 2. Ensaios cubanos. 3. Livros
eletrônicos. I. Stahel, Monica. II. Coll, Lucía López. III. Título.

20-65482

CDD: 868.992314

CDU: 82-4(729.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: agosto de 2020

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

www.boitempoeditorial.com.br

www.blogdaboitempo.com.br

www.facebook.com/boitempo

www.twitter.com/editoraboitempo

www.youtube.com/tvboitempo

Sumário

DESCOMEDIMENTO, SINGULARIDADE E ESCRITA

PRIMEIRA PARTE: A maldita circunstância da água por todos os lados

A cidade e o escritor

***O reguetón* de Havana**

A maldita circunstância da água por todos os lados

A geração que sonhou com o futuro

Sonhar em cubano: crônica em nove *innings*

Fotos de Cuba

Eu gostaria de ser Paul Auster

SEGUNDA PARTE: Para que se escreve um romance?

O sopro divino: criar um personagem

O romance que não foi escrito – Adendos a *O homem que amava os cachorros*

A liberdade como heresia

O romance da sua vida – José María Heredia ou a escolha da pátria

Para que se escreve um romance?

TERCEIRA PARTE: Vocação e possibilidade

Cuba e a literatura: vocação e possibilidade

Revolução, utopia e liberdade em *O século das luzes*

Virgilio Piñera: história de uma salvação

Havana nossa de cada dia

Descomedimento, singularidade e escrita

Com insistente frequência, jornalistas de diversos lugares do mundo me perguntam sobre as razões de minha decisão sobre continuar escrevendo e vivendo em Cuba. O que Cuba tem ou não tem para ser tão importante perguntar a um escritor os motivos pelos quais ele vive em *seu* país? O que há de intrigante na decisão de se fixar no próprio e escrever a partir do pertencimento, da proximidade e da intimidade? Penso que, se tivesse optado por viver fora de meu país, decerto a pergunta sobre por que escolhi sair, estabelecer-me em outro lugar, exilar-me talvez, seria muito mais pertinente e lógica. Porque o que deveria ser normal, apesar dos pesares que houvesse (e há), seria um escritor cubano viver em Cuba. O contrário, pelas causas que o tivessem influenciado ou decidido, é que seria – e é – extraordinário.

É claro que posso inferir que a conjuntura política e a complexa singularidade da existência cotidiana ou a soma de peculiaridades históricas e presentes que envolvem a vida cubana podem causar tal curiosidade jornalística. Mas, ao mesmo tempo, esse acúmulo de particularidades e originalidades, e até de dificuldades e carências, também pode funcionar como um ímã capaz de atrair o escritor para sua geografia, sua cultura, sua circunstância, que pode ser altamente dramática e, às vezes, definitivamente sufocante. E de passagem, mas com igual importância, implica confrontá-lo com o ato fundamental de exercício do arbítrio contido na decisão de abandonar seu território (às vezes para sempre) ou permanecer e escrever nele e sobre ele. Este último

é meu caso: sou um escritor cubano que vive e escreve em Cuba porque não posso e não quero ser outra coisa, porque (e sempre posso dizer que apesar dos mais diversos pesares) preciso de Cuba para viver e escrever.

Mas o que tem Cuba, o que é Cuba? Quando me fazem essas perguntas costumo repetir que Cuba é um país maior que a geografia da ilha. A política, a cultura, a economia e o esporte cubanos têm projeções às vezes universais, e, quer o assumam ou não cada cubano pessoalmente, a verdade é que essa condição funciona como algo que nos afeta, nos define. Ainda mais quando alguém é escritor e pretende entender e dizer algo de seu país e da gente que o habita...

É fato constatado que, desde o tempo em que o domínio espanhol se estendia por territórios africanos, asiáticos e americanos, Cuba e sua capital, Havana, foram, pela localização geográfica, peça significativa de um império no qual “o sol nunca se punha”. “Chave do Golfo (do México)” e “Antemural das Índias (Ocidentais)”, assim foi chamada a ilha na qual chegou a estar a terceira cidade mais importante da América colonial, apenas superada pelas grandes capitais vice-reais do México e do Peru.

Depois das independências latino-americanas concretizadas no início do século XIX, Cuba, outras vezes chamada “Pérola do Caribe”, tornou-se o território mais dinâmico e próspero do reduzido império ibérico, possessão de onde saíam muitas das riquezas que tanto ajudavam a manter a corte madrilena e a economia peninsular. No entanto, a prosperidade econômica e a privilegiada geografia cubanas também foram, às vezes, fonte de suas maiores desgraças: por essa razão a ilha não se tornou uma nação independente na mesma ocasião que as demais repúblicas americanas, e a emancipação, finalmente alcançada depois de longos anos de guerra, sofreu uma ingerência militar estadunidense oportunista que coroaria sua pretensão de invasão com uma emenda constitucional que dava aos Estados Unidos o poder de intervir nos

assuntos internos da justamente denominada “república mediatizada”, que finalmente nasceu em 1902.

Contudo, a ilha, tão afagada e ao mesmo tempo tão fustigada pela história, ainda teria um destino que a lançaria com mais força em seu descomedimento e sua singularidade: uma revolução que triunfa em janeiro de 1959 e logo começa a mudar tudo, que em 1961 declara seu caráter socialista e que, ainda hoje, cem anos depois da Revolução de Outubro e um quarto de século após o desaparecimento da União Soviética e de qualquer rastro de socialismo real na Europa do Leste, continua mantendo sua condição de Estado de economia e política socialistas, ao estilo do projeto utópico do século XX.

Em meio a todas essas tensões e esses descomedimentos, a peculiaridades e singularidades, foi-se forjando um caráter ou um espírito que condiz com tais atributos: porque o pertencimento nacional cubano, o fato de ser cubano, acarreta grandes doses desses descomedimentos e dessas peculiaridades.

Não por acaso, mas respondendo a essa conjuntura, Cuba foi forjando mitos que, em muitos casos, correspondem a uma verdade comprovável. Podemos lembrar alguns: onde se produz o melhor tabaco do mundo? Quantos runs são melhores que os produzidos nas fábricas de Santiago de Cuba? Acaso a música cubana não é reconhecida, ouvida, dançada em todo o planeta? Não foi o cubano José Raúl Capablanca o mais genial dos campeões mundiais de xadrez e um dos poucos que não nasceu na Rússia? Não seria Alicia Alonso uma figura mundial do balé, talvez a mais excelsa Giselle de todos os tempos? Não foi notícia mundial o restabelecimento de relações entre Cuba e os Estados Unidos e, pouco depois, a morte de Fidel Castro? Não coube a Cuba, em 1961, ser o primeiro país da América Latina isento de analfabetismo e, em 1962, o epicentro da Crise dos Mísseis, momento em que o mundo esteve mais perto da guerra nuclear? Não foi o cubano Javier Sotomayor o homem que atingiu maior altura sobre a terra apenas com o impulso de suas

pernas? Não seria Varadero a praia mais bonita do Caribe? E nós, homens cubanos (e não só os cubanos), não achamos que nossas compatriotas, sínteses de tantos sangues, são as mulheres mais belas da Terra? Então, somos ou não somos descomedidos...?

Para um escritor, todo o peso dessa singularidade e dessas evidências extremas pode ser um desafio extenuante. Assumir, entender e tentar expressar alguma essência da peculiaridade cubana implica um desafio cultural e criativo que não podemos evitar e que só se consegue expressar quando se encontra não sua singularidade tão visível e limitada, mas a universalidade que a expande e a torna permanente. E esse é o desafio que, como escritor, aceitei.

Por isso, quando me perguntam por que vivo e escrevo em Cuba, tenho diversas respostas possíveis a oferecer. Prefiro, porém, a mais simples: porque sou cubano e tenho um alto senso do que esse pertencimento significa. Talvez meu caso seja excessivamente exemplar quanto a essa defesa da permanência, porque milito, aos sessenta anos, na rara espécie de indivíduo moderno que ainda mora na mesma casa em que nasceu, em um bairro da periferia havanesa, o mesmo bairro da periferia de Havana em que nasceram meu pai, meu avô e meu bisavô.

É fácil concluir que sempre me senti *mantillero*^[a], mas também sou um escritor havanês – e, portanto, cubano, porque as peculiaridades e as tribulações da história e da vida cubanas são meus alimentos artísticos. No entanto, até mesmo para mim, em geral é difícil entender as essências cubanas; e expressá-las literariamente é um verdadeiro desafio. O simples fato de viver e escrever num país de sistema político socialista e monopartidário começa a complicar as coisas. Mas, se nesse país a realidade muda e ao mesmo tempo não muda em seus fundamentos, as dificuldades se multiplicam.

Nos últimos anos, Cuba entrou num lento processo de renovação de algumas de suas estruturas econômicas. No calor dessas variações, a ilha atingiu a condição de destino da moda ao qual chegam cada vez mais

visitantes, inclusive viajantes estadunidenses que, com sua presença e suas exigências, vão alterando a fisionomia do país, de suas cidades, e até mesmo a maneira de pensar, agir e viver de muita gente. Hoje Havana abre hotéis de todas as estrelas possíveis e lojas para vender artigos de luxo, enquanto a avenida do Malecón, em frente do mar, é percorrida por turistas a bordo de dezenas de reluzentes carros conversíveis fabricados há mais de sessenta anos nos Estados Unidos (a cem dólares por hora de passeio), enquanto se abrem restaurantes privados com produtos que chegam a preços parisienses e se vendem (ou se pretendem vender) Toyotas japoneses a trezentos mil dólares e Peugeots franceses a duzentos e cinquenta mil.

Nessa mesma cidade, nesse mesmo país, no entanto, a maioria dos trabalhadores recebe salários oficiais que, em média, somam por volta de vinte e cinco ou trinta dólares mensais, e, até onde sei, ninguém morre de fome embora muitos vivam com a barriga roncando e outros tantos procurem os caminhos da emigração como solução para seus problemas. Como os cubanos conseguem sobreviver? Graças à arte de “resolver” e à prática da “inventividade”, denominações eufemísticas das mais diversas e arrevesadas estratégias de sobrevivência, legais ou ilegais.

Desse amálgama do insólito, do inexplicável ou incompreensível, do cotidiano e do repudiável brotam outras novas peculiaridades e singularidades que podem funcionar como imagens próprias de um país e de uma cultura, e também como matéria-prima para a criação artística, não só literária.

Para um escritor que, como eu, vive e escreve em Cuba, a cercania da realidade do país e os pressentimentos da sociedade constituem elementos próximos, pois a vida cotidiana de meus compatriotas é, em muitos sentidos, também a minha. Como a maioria dos cubanos, não tenho acesso normal à internet, e a falha do *modem* de meu computador é uma tragédia familiar, laboral, existencial. Essa proximidade, no entanto, não me isenta de certas reações de estranhamento e de

incapacidade de processar e compreender o mundo que me rodeia e do qual sou parte, como cidadão cubano. Essa conjuntura estranha talvez sirva, inclusive, para alentar certa responsabilidade artística e cidadã por tentar expressar e definir uma realidade alterada e difícil, na qual nossas palavras às vezes têm pouco ou nenhum espaço (edições limitadas de livros, difícil acesso aos meios de imprensa oficiais), e decerto a missão de tentar perpetuar as condições do descomedimento que nós, cubanos, vivemos neste momento. Também por isso permaneço e escrevo em Cuba. E talvez os textos que se seguem ajudem a entender como vivo, como escrevo, por que pertenço.

Mantilla, setembro de 2018

[a] De Mantilla, bairro de Havana. (N. T.)

Primeira parte

A maldita circunstância da água por todos os lados

Uma revista de viagens que se propunha a exaltar as qualidades de Havana como destino turístico me pediu uma entrevista. Quando finalmente chegamos a um acordo quanto a dia e hora para o diálogo, a jovem repórter me disse: “Queremos que nos fale de um lugar de Havana que seja significativo para o senhor. Não importa que seja um ponto turístico. Só que seja havanês e importante para o senhor ou sua literatura”.

Numa semana em que estava sobrecarregado de trabalho, mal prestei atenção na delimitação temática e, na tarde em que a jornalista chegou à minha casa para consumir o diálogo, quando eu soube da condição anunciada anteriormente, num minuto decidi e propus que, se não precisava ser um ponto turístico, para mim o lugar mais significativo de Havana era Mantilla, o bairro em que estávamos. Assim, sem mais interrogações, comecei a lhe falar de meu bairro natal, que é o de meus bisavós, meus avós, meu pai e quase toda a família Padura cubana. Contei como fora o bairro e enumerei o que restava do que havia sido. Como crescera e como se degradara. Eu disse que, se moro aqui, inclusive na mesma casa em que nasci, isso se deve, sobretudo, a uma razão essencialmente pessoal: é o lugar ao qual *pertenço* e onde muita gente ainda me identifica como filho de Nardo e Alicia, meus pais, muito mais conhecidos, importantes e populares que eu.

Mantilla, devo alertar novamente, é um bairro sem atrativos especiais (ou sem nenhum atrativo, segundo minha mulher, a quem condenei a viver aqui já por trinta anos), que se ergue na periferia sul de Havana, longe do mar, que corre ao norte junto ao Malecón. Como digo em

alguns textos meus sobre o pertencimento, ainda hoje é um lugar onde, quando alguém se desloca para o centro, diz: “Vou a Havana”. Mantilla é e não é Havana. Mantilla é Mantilla. Mantilla é minha. E com Mantilla, ou a partir de Mantilla, me apropriei da cidade toda: a cidade em que nasci, cresci e vivo; onde há quarenta anos escrevo, me deleito e sofro; com uma conexão precária ou inexistente de internet, com vizinhos que gostam de ouvir música a todo volume (até põem a todo volume um barulho que se chama *reguetón*), o bairro em que caminho por ruas arruinadas e lixeiras transbordantes (embora, na verdade, esse não seja um privilégio de Mantilla, mas de todo o país). Enfim, a cidade que cobre tantas páginas nos romances de minha vida e nas obsessões de minhas reflexões e necessidades que exprimem um pertencimento cubano e havanês: *mantillero*.

Contam que, em certa ocasião, alguém perguntou à poeta Dulce María Loynaz, durante anos enclausurada em sua casa havanesa, por que decidira permanecer na ilha. E, mulher sábia que era, ela respondeu: “Porque cheguei primeiro”.

A cidade e o escritor

1

O Malecón de Havana é um parapeito de blocos de cimento e concreto armado que corre pela margem norte da cidade, de frente para a corrente quente do golfo do México, e estende sua sólida estrutura desde os territórios da baía protetora, onde se fundou a vila, em 1519, até o fim do outrora aristocrático bairro de El Vedado, a oeste, justamente onde a cidade terminava quando nasceu o século XX e se iniciou a construção da barreira marinha. Margeando o muro do Malecón há uma calçada generosa, vez ou outra desgastada pela maresia e pelas ondas. Para além, corre uma faixa de asfalto de até seis pistas, por onde havaneses e forasteiros dão a vida por um passeio num carro conversível, à velocidade máxima permitida, inalando em igual proporção o escapamento de outros carros e a brisa que chega do mar.

Mas o Malecón não é apenas a marca física ou arquitetônica mais característica da capital da ilha de Cuba: é, sobretudo, a linha que marca o início ou o fim da cidade (e para muitos do país), dependendo do ponto de vista. Aos que sonham em ir embora para outro lugar do mundo amplo e alheio, é o início; a nós que nascemos nessas paragens e, por qualquer razão, decidimos permanecer aqui, é o fim do que é próprio, a última fronteira. Porque o muro do Malecón havanês constitui a evidência mais palpável de nossa insularidade geográfica e existencial: nessa longa serpente pétrea, sente-se, como em nenhum outro lugar, a evidência de que vivemos cercados de água, contidos pela

água, condição que ninguém definiu melhor que o poeta Virgilio Piñera: “A maldita circunstância da água por todos os lados”^[a].

2

Mantilla é um bairro que começou a se formar no fim do século XIX, na periferia de Havana, longe do mar, à margem do velho caminho real. Como meu pai, meu avô, meu bisavô, nasci em Mantilla e, nesse bairro cada vez mais deteriorado e despersonalizado pela modernidade e por uma longa negligência, passei toda a vida. Mais ainda: faço parte da rara espécie das pessoas que sempre viveram na casa em que nasceram – a casa que meus pais construíram em 1954 e onde estou há sessenta e dois anos. Minha casa.

Creio que o fato de ter nascido e vivido num bairro da periferia no qual se estabeleceu, três ou quatro gerações antes da minha, um antecessor com meu sobrenome basco (mas vindo só Deus sabe de onde) e no qual desde então palpitou o coração de uma estirpe obstinada (o que confirma a remota origem basca da família) contribuiu em boa medida para me forjar um caráter e, sobretudo, um senso de pertencimento. Porque, mais que cubano, mais que havanês, sempre me senti *mantillero* – e, a partir dessa qualidade, que para outros pode ser insignificante, enxerguei a vida e a cidade, senti o que costumamos chamar de pátria e fiz minha literatura. A partir desse pertencimento obstinado decidi permanecer em minha circunstância e escrever nela e sobre ela.

3

Escrever nunca é fácil. Pretender ser escritor é quase uma loucura. Ou uma condenação. Ser escritor havanês implica, além do mais, um desafio.

Havana é uma cidade que se construiu com pedras e com palavras. Poucas urbes do mundo podem ostentar origem tão literária como a

capital cubana. Foi nas primeiras décadas do século XIX, quando Cuba ainda era colônia do desmantelado império espanhol de ultramar, o momento mágico em que um grupo de escritores resolveu criar uma imagem do país possível e se empenhou no projeto espiritual da cidade de Havana. Para eles, era necessário ter uma imagem da nação que já começávamos a ser, e essa imagem teria como cenário uma cidade. Entre o mar impenetrável e os edifícios erguidos pelos homens, aqueles escritores liminares, fundadores conscientes da espiritualidade havanesa e cubana, colocaram personagens, crioulos e forasteiros, brancos e negros, ricos e pobres, bons e maus, que começaram a dar forma singular e modos de expressão a um ser nacional que, entre peculiaridades e estigmas, teve a condição da insularidade e o espaço urbano havanês como território cabal das confluências físicas e existenciais.

Desde aqueles tempos de fundação, a literatura, em especial o romance, encarregou-se de ir conformando e definindo a imagem e a espiritualidade da cidade e, por extensão, do país. Personagens, conflitos, cenários foram se mesclando e se solidificando em busca de uma identidade própria que se foi tornando densa e intensa com o passar do tempo. Durante um século e meio, os romancistas cubanos se empenharam nessa construção que sentiram imprescindível.

Nos últimos trinta anos, em contrapartida, os escritores trabalham na desconstrução da cidade: as ruínas físicas e as perdas morais da urbe tiveram reflexo na arquitetura e expressão verbal na literatura e fizeram-se ainda mais indelévels graças a ela, à literatura que escrevemos, como um rompimento. E, como peso específico decisivo, sempre apareceu a condição insular: o território limitado, o senso do isolamento. Também não é estranho que tantos personagens de romances e contos cubanos procurem escapatória para além-mar. Menos inexplicável foi que muitos escritores tenham feito as malas e buscado outra vida em outro lugar, para além do Malecón, para além da maldita circunstância sentida por um personagem de Alejo Carpentier:

Carlos pensava, aflito, na vida rotineira que agora o esperava [...], condenado a viver naquela urbe ultramarina, ilha dentro de uma ilha, com barreiras de oceano fechadas para toda aventura possível [...]. O adolescente padecia como nunca, naquele momento, a sensação de confinamento que produz viver numa ilha; estar numa terra sem caminhos para outras terras aonde se pudesse chegar rodando, cavalgando, caminhando, passando fronteiras...

Com dolorosa frequência os jornalistas me perguntam por que fiquei na cidade, na ilha, talvez no confinamento. E minha resposta é sempre a mesma: apesar dos pesares, não sou outra coisa que não um escritor cubano e tenho necessidade de Cuba para escrever. Simples assim.

4

Para mim, os dois escritores mais importantes da literatura cubana do século XX foram, sem dúvida, Alejo Carpentier (1904-1980) e José Lezama Lima (1910-1976).

Carpentier afirmou em mais de uma oportunidade sua condição de cubano e havanês. Por exemplo, em 1963 ele começava uma entrevista comentando: “Realmente, meu pai era francês, e posso dizer sem ironia que o fato de eu ter nascido em Cuba e ser um escritor cubano de expressão espanhola se deve ao caso Dreyfus”. Lembro-me de ter lido em outro lugar que o romancista afirmava que sua chegada ao mundo aconteceu na *calle* Maloja ou de La Maloja, rua muito havanesa, e até dava o número da casa natal. Ao que parece, entretanto, Alejo Carpentier, filho de francês e russa, nasceu em Lausanne, não em Havana, aonde chegou muito criança. Por que o escritor precisou reafirmar sua indubitável *cubanía*^[b], seu profundo pertencimento havanês, ocultando por décadas que nascera na Europa? Seja qual for a razão, ninguém poderá negar que, por sua relação literária com a cidade, Carpentier talvez tenha sido o mais havanês dos autores havaneses.

Lezama Lima, por sua vez, nasceu num acampamento militar localizado na região que, no início do século XX, eram os arredores da cidade. Enquanto Carpentier viveu longos períodos fora da ilha, Lezama só viajou para o estrangeiro uma vez – e para a Jamaica, ilha vizinha.

Durante sua estada em Cuba, María Zambrano conta:

Os dez poetas do grupo Orígenes de Lezama e sua revista [...] me foram apresentados. Pediram-me ajuda para que seu trabalho tivesse o reconhecimento que merecia. Prometi-lhes que o faria em minhas colaborações em revistas de prestígio da América e da Europa. Um dos dez, Cintio Vitier, me respondeu: “Não, María; nós somos daqui, queremos ser reconhecidos aqui”. [...] Esse ser “daqui” ecoou em mim avassaladoramente; esse “aqui” era o lugar universal que eu havia pressentido e sentido na presença de José Lezama Lima, que nunca desejara exilar-se. Ele era de Havana como Santo Tomás era de Aquino e Sócrates era de Atenas. Ele acreditou em sua cidade.^[1]

5

O exílio tem sido uma das constantes da literatura cubana: depois da busca do próprio, da definição de uma identidade, por meio de seus traumas, talvez a diáspora constitua sua constante primeira e mais permanente. Viveu e escreveu no exílio o primeiro poeta cubano, que, por ser poeta, foi também o primeiro a cantar a pátria e sua distância, a nostalgia e o desarraigamento. Vinte e nove de seus trinta e cinco anos de vida, José María Heredia passou fora da terra que elegeu como sua pátria – passou tanto tempo no México que o México o disputa como seu. Viveram distantes por muitos anos Cirilo Villaverde, José Martí, Alejo Carpentier, Guillermo Cabrera Infante, Reinaldo Arenas, Eliseo Alberto. Hoje vivem distantes Abilio Estévez, Karla Suárez, Emilio García Montiel e várias dezenas de escritores cubanos. Mas, como o fundador Heredia, nenhum deles conseguiu nem consegue ir embora

completamente. A ilha e a cidade os perseguiram e perseguem em suas peregrinações. Alguns deles, de tanto voltar os olhos, transformaram-se em estátuas de sal.

Mais que dramático, o pertencimento é trágico: dentro há a sensação de confinamento; fora, a praga da nostalgia. Para muitos, não há meio-termo.

6

Um escritor é um armazém de memórias. Escreve-se vasculhando as próprias memórias e as memórias alheias, adquiridas pelas mais diversas estratégias de apropriação. A partir daí, o romancista cria um mundo. “... Construir um mundo quer dizer construir as ramificações de cumplicidade que existem entre os personagens que você utiliza, as citações, os mitos, as referências, os lugares simbólicos, os lugares da memória”, conforme disse Manuel Vázquez Montalbán, que devidamente achava que, como escritor, um romancista não é de um país, mas de uma cidade.

A cidade é então o mercado livre do qual se nutre o armazém de memórias e de lugares simbólicos do escritor, muitas de suas referências, o local material do qual ele não pode se distanciar (e não estou falando de imediações ou distâncias apenas físicas), sob pena de perder a memória e perder tudo. Ou quase tudo.

7

Havana é minha cidade e por isso pode me provocar uma mescla de pertencimento e alienação viscerais. Eu me identifico e comungo com lugares por alguma razão entranháveis – começando pelo Malecón e por meu bairro anódino da periferia, aos quais posso acrescentar o Paseo del Prado, a região outrora aristocrática de El Vedado, as ruas sombrias e às vezes fétidas da Habana Vieja (colonial), os parques do bairro de La

Víbora, o grande estádio de beisebol. Arquiteturas que remetem a épocas, economias, estilos, funções diversas, embora todas carregadas de valores simbólicos talvez gerais, sem nenhuma dúvida individuais. São as colunas de minha cidade das entranhas, por isso entranhável.

Dramaticamente e ao mesmo tempo, sinto a ardilosa evidência de que esta cidade na qual nasci e vivo, à qual pertenço e da qual escrevo, começa a ser um lugar alheio, que me rechaça e que eu rechaço, que se empenha em maltratar minhas lembranças e nostalgias. Talvez porque envelhecemos e nossas percepções físicas e espirituais mudam. Talvez porque minha cidade esteja se transformando em outra cidade dentro da mesma cidade.

Antes eu disse que sou um escritor cubano, e essa afirmação é uma verdade e uma mentira. Porque na percepção de outro escritor que acato, da qual me aproprio e que volto a citar, mais que a um país, o romancista pertence a uma cidade. Uma cidade que é física, mas é também, sobretudo, um estado de espírito e um repositório de histórias, próprias por serem vividas ou por terem sido adquiridas graças a leituras e confidências. Um cofre aberto no qual se conservam pertences e do qual desaparecem ou em que se consomem propriedades das quais procuramos não nos desprender.

8

Uma cidade são também seus sons, cheiros e cores: Jerusalém é da cor do deserto e cheira a especiarias. Amós Oz o sabe. O som de Nova York é a sirene de uma ambulância, de um carro de bombeiros, de uma patrulha policial. John dos Passos o padeceu, Paul Auster o padece. O bairro espanhol de Nápoles cheira a café fresco. Roberto Saviano o apreciou.

Minha Havana soa a música e carros velhos, cheira a gás e a mar, e sua cor é o azul.

9

Meu senso de pertencimento a Mantilla e a Havana fez de mim o escritor que sou e me induziu a escrever o que escrevo. Minha cidade é uma mescla do lugar em que vivi com o território percorrido por meus avós e meus pais. É integrada por uma memória daquela Havana em que eles viveram até o fim ou de onde partiram – também até o fim – tantos escritores que me antecederam, que contribuíram para forjar sua imagem e sua alma, para dar voz a suas ruas e suas edificações, escritores que me acompanharam, que me foram sucedendo em meu tempo vital. Além disso, compõem-na a luz dos cabarés e o ritmo da música, as cores e as visões de tantos pintores. As obras de tantos construtores, desde o tal Bautista Antonelli, que ergueu as primeiras fortalezas coloniais, até meu pai, que ergueu minha casa. É a cidade dos grandes jogos de beisebol sobre os quais li ou que presenciei. E, é claro, é a Havana do Malecón, de onde sinto a presença envolvente do mar e a sensação de que algo próprio termina depois de se ter esparramado por três pontos cardeais.

Meu pertencimento a esta cidade, mais que dramático ou trágico, é essencial, como uma condenação: sou porque pertenço.

O senso do pertencimento surpreendeu-me quando eu ainda não sabia que o tinha ou o teria. Começou a se forjar como uma necessidade de busca das origens, em que me empenhei por décadas. Apoderou-se de mim com o estudo da vida e da obra de Inca Garcilaso de la Vega, o escritor que não sabia a onde e a que pertencia porque estava inaugurando um pertencimento até então inexistente: o hispano-americano. Levou-me, pela mão de Alejo Carpentier, em busca da identidade caribenha e cubana a partir de uma perspectiva universal, um processo no qual aprendi, graças a Miguel de Unamuno, que ao escrever “sempre havemos de achar o universal nas entranhas do local e, no circunscrito e limitado, o eterno”. Permitiu-me, com Guillermo Cabrera Infante, entender o ser e o falar havanese, que são os meus. Fez-me

escutar a música que define a ilha da música e praticar o beisebol na ilha dos *peloteros*^[c]. O pertencimento e a busca das origens me condenaram a ser o romancista havanês que sou, com minhas cargas de amor, ódio e nostalgias.

10

Meus personagens, como eu, são havaneses. E quase sempre são pessoas aferradas a sua origem, a sua circunstância, a seu tempo, a sua cidade. Tipos que padecem a insularidade, mas que, ao mesmo tempo, se revolvem nela e, se precisam partir, sentem-se partidos: uma de suas metades vai, a outra fica.

Como eu, muitos deles viveram minha experiência geracional e tiveram ganhos e perdas comuns. Com eles, percorri a cidade, a senti e a descrevi. Por meio deles defini minhas nostalgias e frustrações citadinas. Com seus olhos, vi a cidade mais histórica, a mais fulgurante, mas também os levei a caminhar pelos bairros mais deteriorados da capital, doentes de um passado difuso, com um mau presente, vislumbrando um futuro incerto. Coloquei-os para ver o vasto mundo a partir de uma esquina de meu bairro.

Quanto a Mario Conde, meu personagem fetiche, condenei-o, sem apelação possível, a viver de suas nostalgias havanesas, enfiado num bairro que se parece demais com Mantilla, e da calçada de sua casa de sempre ou de uma esquina de seu bairro ancestral impeli-o a descrever o que se vê e a lamentar o que se perdeu desse lugar cativante. Transmiti-lhe meu senso de pertencimento e o fiz irremediavelmente havanês, porque eu, seu criador, não sou outra coisa que não isto, um havanês que escreve.

11

Em meu romance *Máscaras* (1997), Mario Conde caminha pelo Prado havanês acompanhado por um velho dramaturgo que comenta:

Dá pena esse lugar, não é mesmo?... Mas veja que ainda tem algo mágico, como um espírito poético invencível, não é? Olhe, embora as ruínas ao redor sejam cada vez mais extensas e a imundície pretenda engolir tudo, esta cidade ainda tem alma, senhor Conde, e não são muitas as cidades do mundo que podem se vangloriar de ter a alma assim, à flor da pele... Diz meu amigo, o poeta Eligio Riego, que por isso aqui nasce tanta poesia, embora eu diga que este é um país que não a merece: é demasiado leve e amante do sol...^[d]

No romance seguinte, *Paisagem de outono* (1998), Conde convoca o furacão que se aproxima para que atravesse a cidade, a destrua e de suas ruínas nasça algo novo. “Furacão, furacão, chegar te sinto”, ele clama, invocando José María Heredia^[e].

12

Havana vai se enchendo de turistas e se põe em função deles. Na cidade nascem restaurantes estatais e privados com cardápios de pratos e preços internacionais. Velhos hotéis e edifícios renascem das ruínas e da sujeira e atingem categoria de cinco estrelas *plus*, que só pessoas de outros lugares, de outras economias, podem pagar. Os velhos carros estadunidenses que deram caráter à urbe são submetidos por seus proprietários à cirurgia radical de cortar-lhes a capota e transformá-los em conversíveis destinados a levar os visitantes a passear pelo Malecón e pela Quinta Avenida de Miramar, como se na cidade tivesse se produzido uma volta do tempo e em suas ruas emblemáticas se encenasse um insólito *déjà-vu*. Alguns palacetes de El Vedado anunciam-se como pousadas. Habana Vieja adquire cores de Benetton que ela nunca teve e funciona como um parque temático do que foi a Cuba colonial e é a

Cuba socialista da pós-modernidade, da pós-sovieticidade e talvez de outras posterioridades. A cidade mostra suas riquezas e, ao mesmo tempo, para mim torna-se estranha, distante, como os produtos Louis Vuitton e Armani hoje exibidos nas vitrines de algumas de suas lojas renascidas, empenhadas em caçar (suponho que sem muito sucesso) burgueses opulentos e desprevenidos, vindos de uma Moscou que antes não costumava acreditar em lágrimas. E agora tampouco.

Mas outra Havana, maior e mais popular, às vezes enfiada dentro da cidade-vitrine, vive com suas eternas angústias e esperanças adiadas, em seu cotidiano difícil, sem dúvida mais real, mais cubano. É a idade da periferia, de Mantilla e outros bairros similares, onde se estanca ou até cresce uma pobreza que a faz dolorosamente cativante, mas, ao mesmo tempo, estranha e hostil. Essa Havana é mais a Cuba dos cubanos.

13

Havana vive hoje sua história e seu drama, e eu tento escrevê-los. O Malecón e o mar, como sempre, marcam o início e o fim da cidade em que vivo e escrevo, sonho e perco o sono, sofro e até odeio, porque posso odiar o que é meu e às vezes deixa de sê-lo, porque posso odiar o que mais amo e depois escrever, em minha casa de Mantilla, sobre esses tremendos sentimentos e confessar meus amores e minhas dores. E, apesar dos pesares, enquanto escrevo e vivo, continuo sendo e pertencendo.

julho de 2017/abril de 2018

[a] Neste volume, as citações de textos escritos por Leonardo Padura publicados pela Boitempo foram aproveitadas; as demais foram traduzidas conforme o original de *Agua por todas partes*. (N. E.)

[b] Termo intraduzível, não dicionarizado em espanhol. O poeta e etnólogo cubano Miguel Barnet define-o por contraste com *cubanidad*: “*cubanidad* é a qualidade do cubano. E *cubanía* é a vocação de ser cubano”. (N. T.)

[1] Prólogo à edição de *Paradiso* (México, Fondo de Cultura Económica, s./d.).

[c] *Pelotero* é o jogador de beisebol. (N. T.)

[d] Leonardo Padura, *Máscaras* (trad. Rosa Freire d’Aguiar, São Paulo, Boitempo, 2000), p. 122. (N. E.)

[e] Idem, *Paisagem de outono* (trad. Ivone Benedetti, São Paulo, Boitempo, 2016), p. 122. (N. E.)

O *reguetón* de Havana

Hoje as batidas vêm da rua dos fundos. Ontem chegavam da casa ao lado e, no fim de semana, de algum ponto indeterminável na esquina. Por causa dessas batidas, sou um homem com a mente dividida: enquanto meus neurônios lutam pela concentração literária, a voz de um tal Daddy Yankee, propulsionada pelos golpes do baixo, abre caminho em meu cérebro como uma broca maligna, avisando-me sempre de novo que “ela gosta de gasolina” e que, portanto, “é preciso lhe dar gasolina”. Meus vizinhos, apesar dos pesares, sempre têm um motivo para estar em festa: simplesmente celebram a vida – e o fazem a todo volume, como sempre lhes agradou.

Há alguns anos Havana tem o som dominante dessa música plástica e maçante, de letras agressivas e grosseiras que, graças justamente a suas características lamentáveis (plástica, maçante, agressiva e grosseira), tornou-se o ritmo da moda em todo o Caribe, mas, acho, especialmente em Havana, que, como capital da ilha, geralmente é espelho e síntese do país.

Nesta cidade, o *reguetón* é invasivo e onipresente: vem da casa ao lado, voa sobre o jardim e atravessa despudoradamente tuas paredes; sai de dentro do carro que passa pela rua e te bate no rosto; te agride no interior de um café ou de uma loja, transformando tua reclamação a um atendente indolente num vão movimento dos lábios. Por isso, tendo a pensar que, mais que um ritmo da moda, o *reguetón* e sua impertinência sintetizam um modo havanês de assumir e expressar a vida

contemporânea. O *reguetón* se manifesta como música de lascívia e alienação, de aturdimento e pendência.

É verdade que nós, havaneses, sempre fomos exultantes e abertos, gregários e até promíscuos, familiares e melodramáticos. Por termos estado na passagem dos caminhos entre a Europa e a América, somos o resultado histórico e cultural de uma das mesclas mais singulares da era moderna e somos a destilação das virtudes e dos defeitos de nossos componentes europeus, africanos e até asiáticos. Cidade aberta para o mar, extensa, rica ou pobre por momentos, Havana sempre foi uma urbe pretensiosa, com uma visível tendência ao descomedimento: por isso, desde o século XIX, quando os havaneses começaram a ser essencialmente havaneses, a cidade desfrutou de uma preeminência capaz de colocá-la, com seus personagens, sua história, sua música, sua literatura e suas mulheres bonitas, no imaginário universal. Depois, a vitória revolucionária de 1959, a eterna discórdia com os Estados Unidos e a opção política pelo socialismo potencializaram um interesse pela ilha e por sua capital que se manteve em ascensão durante todos esses anos.

Quando nasceu e cresceu em Havana, a pessoa pode viver sem se dar conta de como é grandioso e trágico esse descomedimento que nos acompanha. Em meu caso, talvez o fato de sempre ter vivido num bairro da periferia (minha querida e exaurida Mantilla, da qual se foram – para Miami ou para o céu – tantos parentes e amigos) me dá uma visão quase exterior, às vezes privilegiada, de uma cidade que é minha, mas ao mesmo tempo me é relativamente estranha (cada dia mais estranha) por sua diversidade e complexidade, pois, apesar da estandardização social e econômica que o sistema socialista instaurado há décadas traz atrelada, Havana continua sendo uma cidade com muitos rostos e olhares, com diversas linguagens e até filosofias de vida.

Talvez essa condição de “periférico” e a visão interessada do escritor tenham me advertido de que a cidade dos últimos anos foi incorporando a seu repertório de qualidades algumas que, ao que parece, estavam tão

submersas que mal eram visíveis: a falta de respeito ao direito alheio, a violência cotidiana, a indolência mais insultante com que se comportam e vivem muitos de seus habitantes e que hoje se pode constatar (pelo menos eu posso constatar) com um simples passeio pelos recantos menos iluminados e turísticos da cidade, ao passo que nesses outros (turísticos e iluminados) vemos persistir há alguns anos uma degradação social que parecia definitivamente extirpada da ilha: a prostituição.

Devo a meu amigo Fernando, autor da teoria do sétimo quilômetro, a metáfora que talvez melhor explique a conjuntura em que muitos cubanos têm vivido nos últimos anos. Fernando, devo avisar, é um homem capaz de falar do cinema de Tarkóvski e das utopias negativas de Orwell, mas também é um personagem dotado de um senso prático da vida. Segundo Fernando (que afirma que o descobriu depois de profundas cavilações), nós cubanos estamos envolvidos numa corrida de dez mil metros e há vários anos estamos correndo o quilômetro sete. Quer dizer, chegamos ao momento em que, mais perto da chegada que da saída, investimos o melhor de nossas forças, mas ainda nos falta o trecho mais difícil da corrida e, como o quilômetro sete parece ser infinito, não sabemos se as energias serão suficientes para ultrapassá-lo e ter a percepção de que poderemos chegar ao fim de um trajeto que, além do mais, parece ser elástico, pois tende a se distanciar cada vez que acreditamos vislumbrá-lo ao longe. “Todos os dias, quando acordo, sinto que estou no quilômetro sete”, ele me diz,

e, embora não saiba se vou resistir, saio correndo de novo, mas não como o bobo do Forrest Gump: saio correndo por “alguma coisa”. Sei que se deixar de correr vou sair do jogo e, para viver com um mínimo de condições, tenho que estar na pista e correr, correr. Sabe de uma coisa? A corrida chega a se tornar um fim em si, e a meta não é chegar, mas resistir e continuar correndo.

Na teoria-metáfora de Fernando está assumida a capacidade que nos permitiu atravessar a difícilíssima década de 1990, quando a economia cubana chegou ao fundo com o desaparecimento do socialismo europeu. As estratégias de sobrevivência que então pusemos em prática foram infinitas (inclusive a renascida prostituição), embora na realidade (dizia-se com o maior humor macabro) para muitas pessoas os problemas da vida cotidiana da época se reduzissem a três: café da manhã, almoço e jantar. Todos os dias.

Com a discreta recuperação econômica que começa a se anunciar no fim do século passado e que se estende até hoje, criou-se a miragem de que o pior havia passado: os cortes de luz se reduziram até desaparecer por completo, a carência de medicamentos comuns foi superada em porcentagem importante, a vida cultural se reanimou e os mercados se reabasteceram de alguns produtos, embora a preços altos, às vezes inacessíveis, para o nível salarial médio. No entanto, subsistiram, com persistência sufocante, algumas carências cada vez mais agudas, como a de transporte urbano (verdadeira agonia cotidiana para quem necessita se deslocar para o trabalho, a escola, um hospital), a de moradia (reconhecida pelo governo como o mais grave problema social do país) e, sobretudo, na base, a economia cotidiana em duas moedas, que na realidade são três ou mais: o peso cubano e a divisa de circulação permitida, representada pelo chamado peso cubano convertível (CUC) [1].

Como alguns velhos europeus que ainda tentam pensar os euros de hoje em marcos ou francos, cada cubano precisa pensar seus pesos cubanos não só em pesos convertíveis, e vice-versa, como também em dólares, num encadeamento aritmético de adições, subtrações, multiplicações e divisões só possível de executar num país altamente escolarizado como, sem dúvida, é o cubano. Contudo, além do intrincado problema aritmético, o verdadeiro cerne da questão cai no paradoxo de o cubano comum ganhar a vida com um salário pago em

pesos, porém viver até 50% dela, ou mais, em pesos convertíveis ao câmbio de 24 pesos por 1 CUC e de 0,82 CUC por 1 dólar estadunidense (obtido dos modos mais diversos, mas especialmente pelos envios dos parentes exilados, que o governo dos Estados Unidos, como parte do embargo à ilha, pode dificultar).

Embora seja verdade que as necessidades básicas dos cubanos estão garantidas pelo Estado (saúde – em todos os níveis –, educação – inclusive a mais especializada – ou alimentação básica – por meio da caderneta de racionamento subsidiada), a vida cotidiana mostra que o mais alto salário governamental pago em pesos cubanos (digamos, do médico ou do policial) é insuficiente para suprir todas as necessidades. A fim de cobrir esse déficit e manter a cabeça fora da água, toda manhã Fernando e milhões de pessoas saem para correr o interminável sétimo quilômetro, ou, em “cubano”, para *lutar*.

A realidade diária de um cubano, de um havanês, é tão peculiar que tentar explicá-la exigiria vários livros. Para um escritor, o desafio pode ser mortal, pois a singularidade de muitos processos e fenômenos clama de modo gritante pela explicação científica, mais que pela recriação literária, caso se pretenda oferecer uma avaliação lógica e, sobretudo, compreensível para quem vive em outras geografias ou para os supostos leitores do futuro. Para começar, como explicar uma economia doméstica em que os salários nunca dariam para custear comida, eletricidade, roupa e transporte, sem contar os previsíveis imprevistos (quebrou a privada do banheiro, a geladeira parou de funcionar, os sapatos do filho duraram menos que o esperado)? A explicação está, única e exclusivamente, numa capacidade prodigiosa de reciclar, de cortar de um lado para pôr em outro e, sobretudo, de *inventar e resolver*, verbos mágicos (junto com o já mencionado *lutar*) do cotidiano cubano, com os quais se tenta expressar a habilidade de sobreviver, dilatando os limites da legalidade (e muitas vezes os transgredindo, como se mostrou pública e oficialmente com a campanha nacional contra a corrupção em

todos os níveis). O esquecimento em geral é um bálsamo para o espírito. Os cubanos de hoje, praticamente esquecidos das muitas tragédias da década de 1990, mas assediados pelas do presente, padecem diariamente a tensão de seus eternos problemas e muitas vezes reagem a eles com a exaltação e até a violência que se respira em toda a cidade, mas que se apalpa, como uma rede invisível, em suas regiões mais degradadas, superpovoadas, aviltadas pela história e pela vida, onde se forjou uma marginalidade compacta e cada vez mais espraiada, que às vezes adquire expressões violentas, quase inexistentes naqueles tempos do socialismo “abundante” dos anos 1980, quando quase todo o mundo conseguia se virar com seu salário.

Uma das sensações mais devastadoras que um havanês pode ter é a de gastar duas, três horas para cobrir o trajeto de um ponto a outro da cidade, que normalmente não exigiria mais de vinte ou trinta minutos. Sob o sol implacável do trópico, com a pressa mordendo os calcanhares, sem a possibilidade material de tomar um carro particular de aluguel, que por um trajeto cobra mais ou menos o salário médio diário de um trabalhador (nem sonhar com um táxi em CUC, com tarifas parisienses), as pessoas que dia após dia passam por esse transe chegam a se transformar em bombas antipessoais, que explodem diante da mais inesperada alteração. A experiência de viajar num ônibus urbano havanês, depois de esperar por uma hora, cercado por mais de uma centena de outros desesperados, todos sufocados pelo calor e pela umidade, geralmente se transforma numa experiência alucinante na qual, como em certos filmes proibidos para menores, pululam as cenas de sexo, violência e linguagem de adultos. As crônicas de frequentes explosões violentas dentro de um ônibus excederiam os volumes de *Os miseráveis*.

A vida em quase eterna aglomeração e promiscuidade, que é o modo mais comum nos municípios do centro da cidade (Diez de Octubre, Habana Vieja, El Cerro, Centro Habana), vai criando bolsões repletos de

desespero e resignação, de frustração e marginalização, que a partir dos anos da crise de 1990 são cada vez mais agudas e visíveis, a ponto de alguns de nós, havaneses, preferirmos evitar determinadas regiões, em horas impróprias do dia, por um instinto básico de conservação^[2]. Nessas regiões escusas, entretanto, é possível constatar que, nascido e crescido no mesmo lugar agreste e acanhado, mora o bom doutor Igor (com poucas esperanças de ter uma casa digna), médico que todas as manhãs investe seu talento na ciência artística da geriatria.

Ao lado dessa Havana dura e tensa, misturada com ela às vezes até se perderem as fronteiras, existe outra Havana especialmente visível nos antigos terrenos da média e alta burguesia (El Vedado, Kohly, Miramar são os nomes desses setores), onde as pessoas também sofrem a magreza de seus salários, a carência de transportes e até a aglomeração em algumas casas da vizinhança (os *solares* tão havaneses, em que várias famílias compartilham espaços daquilo que originalmente foi uma casa só). Nesses bairros favorecidos, porém, ainda se respira um ar menos denso, pelo menos das portas para fora, pois os havaneses com mais possibilidades econômicas foram se deslocando para esses setores, apesar das leis complexas que regulam a mudança de moradia (pois a compra legal é proibida, inclusive para os proprietários)^[3]. Nesses bairros e em quase toda a cidade, a mudança física mais notória foi a proliferação de grades de aço para fechar sacadas, janelas, proteger portas e acessos a escadas, aquelas grades que dão certo aspecto de prisões voluntárias a tantas casas e edifícios da cidade.

O êxodo inexorável para o estrangeiro de pessoas de todas as raças, todas as profissões e todos os lugares de residência constitui uma das marcas dessa sensação de sufoco que certa vez qualifiquei como “cansaço histórico”. Nós, membros de minha geração, que estudamos nas décadas de 1960 e 1970 e entramos na vida profissional na década de 1980, crescemos e nos desenvolvemos com a esperança contundente de um futuro melhor que talvez nos coubesse, embora sem preterir muitos

sacrifícios (cortes de cana, missões internacionalistas na África, trabalhos voluntários e reuniões sindicais...). Chegamos a sonhar com a possibilidade, alcançada por alguns, até de ter carro e casa nesse futuro previsível... A partir de 1990, quando a esperança se desmontou e a subsistência mais elementar se impôs, milhares de pessoas lançaram-se na incerteza relativa do exílio, impelidas pela incerteza garantida de sua vida em Cuba. As gerações seguintes, contudo, mais pragmáticas e com a experiência das tribulações cotidianas e das frustrações históricas de seus pais e avós, muitas vezes rompem as amarras na menor oportunidade e tentam empreender sua vida em outro lugar..., pelo menos longe desse *reguetón* que me atormenta. Para grande quantidade desses indivíduos, o sonho histórico já não tem o mesmo sentido, e os novos apelos a mais sacrifícios (em quantidade e tamanho) leva-os a optar pela saída individual e por ignorar o empenho coletivo. O mais lamentável é observar que parte deles é de profissionais de altíssima qualificação (médicos, informáticos, cientistas, humanistas) que, com sua partida, privam o país de parte de sua inteligência.

Nesta manhã ainda de verão, perdida a esperança de me concentrar, sem possibilidade nem sequer de enviar mensagens eletrônicas, já que meu velho *modem* repete que devo tentar mais tarde, pois as linhas estão congestionadas, saí caminhando pelas ruas de meu bairro. A que horas e onde trabalha toda essa gente que fervilha pelas calçadas e conversa indolente nas esquinas, assassinando sem remorso o melhor de sua vida: o tempo? Um grupo de mulheres faz fila para comprar cubinhos de sopa, sabão e azeite na loja que vende em CUC, e me parte o coração ver como elas contam as poucas moedas com que deverão suprir as mais diversas necessidades. Outras mulheres oferecem em voz baixa os produtos menos imagináveis, desde filés de peixe (a setenta pesos o quilo) até figurinhas de santos e abacates: é o irrefreável mercado clandestino. Numa barraca improvisada de madeira e zinco (um forno nos meses de verão), um homem vende carne de porco a preços exorbitantes, impostos pela

sempre alterada lei da oferta (mínima) e da procura (invencível, causadora desses preços altos). Minha esposa me encarregou de comprar uns bifés para o jantar desses dias, e peço ao vendedor quatro libras (dois quilos) pelo preço estabelecido hoje: trinta e cinco pesos por libra. Como minha esposa e eu somos fregueses habituais, o homem me sorri e avisa: “Vou te dar o melhorzinho, sem pelanca e sem um pingão de gordura”. Pago, contente com o bom negócio realizado, e, ao voltar para casa, faço a comprovação imprescindível em minha própria balança: falta meia libra de carne, ou seja, o bom vendedor não pretendia me roubar meia libra, mas dezessete pesos (salário de um dia de um profissional). Volto à vendinha, onde agora se ouve um *reguetón*, e, aborrecido, reclamo minha meia libra de carne ou meus dezessete pesos. O homem, chateado, me diz que sou um desconfiado. Digo que ele é um ladrão. A discussão parece assumir uma temperatura perigosa quando dois policiais de ronda se aproximam e, com má vontade, o homem me joga dois bifés dentro da sacola. Depois vou verificar que os supostos bifés são pura gordura e pelanca e que só me restam duas possibilidades: a *vendetta* siciliana ou me resignar a aceitar a trapaça e não sofrer um perigoso aumento da pressão sanguínea. A lei da oferta e da procura cedeu seu lugar à lei da selva.

Meus vizinhos continuam ouvindo *reguetón* (o mesmo ou um parecido?), e resolvo voltar à rua. Lembro de novo a teoria de Fernando e me pergunto quantos daqueles que compram, vendem ou aparentemente não fazem nada, mas são perigosos jacarés ao sol, conseguirão ultrapassar o sétimo quilômetro da corrida pela sobrevivência.

Entro no café onde compro meus cigarros. Vários homens, que exibem grossas correntes de ouro com medalhas de virgens, entrelaçadas com colares coloridos de *santería*, tomam cerveja (a um CUC cada uma: de onde tiram o dinheiro?) enquanto falam de carros comprados e vendidos. Ouço números: sessenta mil, oitenta mil, cento e vinte mil pesos por um carro estadunidense dos anos 1950 (os únicos que podem

ser comprados e vendidos livremente)^[4] e calculo por alto: três, quatro, seis mil CUC, e me pergunto de onde tiram os trocados necessários – não mais para tomar cerveja, mas para comprar aqueles carros que equivalem ao salário integral de um médico durante três, quatro, seis anos... Estou tão confuso que só agora descubro que os alegres bebedores de cerveja estão falando por cima das batidas monótonas do *reguetón* que também ali se ouve. Vejo, então, que atrás do balcão os atendentes cantam e dançam, como se estivessem numa festa. Eu me aproximo do caixa e receio ter me transformado no homem invisível. Mas não perco as esperanças de em algum momento recuperar minha corporeidade, de que eles se dignem a olhar para mim e eu possa voltar para casa, debaixo do sol ardente, mas armado de meus cigarros, para correr meu sétimo quilômetro contra o *reguetón* em que vivemos. Esse *reguetón* lascivo, grosseiro, às vezes até escatológico, que no fim das contas é uma consequência, não uma causa.

2007

[1] Em 2018, inclusive com câmbio de controle governamental, não foi possível concretizar a necessária unificação monetária e cambial que deformou e travou a economia cubana e, com ela, a sociedade.

[2] Em 2014, 40% dos três milhões de moradias existentes em Cuba estavam com a construção em mau estado. Havana é a cidade mais afetada. Segundo o Ministério da Construção, em 2016 o déficit de moradias no país chegava a oitenta mil. Nos últimos anos, o ritmo de novas construções esteve abaixo de todas as necessidades. Em anos recentes, além disso, surgiram bairros ilegais, conhecidos como *asentamientos*, onde as pessoas vivem em condições materiais e sanitárias lamentáveis.

[3] Em 2013, essa proibição foi abolida.

[4] Também essa proibição foi revogada. A partir de então, o Estado resolveu vender carros. Um Toyota novo de categoria média custa trezentos mil dólares em Cuba. Graças a essa política, em 2018 os preços dos velhos automóveis estadunidenses e soviéticos haviam dobrado. Embora pareça que em Cuba nada muda, é evidente que, sim, as coisas mudam.

A maldita circunstância da água por todos os lados

1

Um de meus passeios preferidos, como de dezenas, centenas de milhares, talvez até milhões de havaneses (agora que somos dois milhões), é o percurso costeiro marcado pelo muro do Malecón. Na realidade, devo confessar que faz tempo que não o realizo da melhor maneira que se deve, ou seja, a pé, sem pressa, no fim da tarde, de leste para oeste, no sentido do tempo histórico de seu desenvolvimento, de La Habana Vieja ou colonial, onde nasceu a cidade, ao bairro de El Vedado, para onde ela cresceu ao longo do século XX. Nos últimos anos, com mais frequência, faço a travessia à velocidade do automóvel, mas, apesar da vertigem, a sensação que sempre me dá esse trajeto havanês é confusa e contraditória, embora patente, eu diria visceral. Como uma advertência cheia de significados profundos que vão além das evidências físicas visíveis.

Explico. Para quem não conhece Havana, minha cidade, devo dizer que o Malecón constitui uma e muitas coisas: antes de tudo, é um muro de cimento de cerca de um metro de altura e sessenta centímetros de largura, que há um século separa o mar da cidade. Com orgulho, nós havaneses dizemos que é o banco de parque público mais comprido do mundo, pois é costume autêntico sentar-se no muro do Malecón, às vezes de frente, outras vezes de costas para o mar, para tomar a brisa (quando há brisa) e praticar um dos mais adorados esportes nacionais: o

dolce far niente. Em geral, quem se senta de frente para a cidade quer ver passar o tempo, as pessoas, contemplar a vida dos outros. Quem opta por se acomodar de frente para o mar quase sempre se dedica a olhar para dentro de si mesmo, enquanto observa a superfície plana ou encrespada do oceano, um eterno mistério, promissor como todos os enigmas.

Paralela ao muro, corre uma calçada de três, quatro metros de largura, pela qual se pode fazer essa caminhada a pé, e, mais além, uma avenida de seis pistas, na qual o percurso pode ser feito de carro, à velocidade máxima de até oitenta quilômetros por hora, melhor se for com todas as janelas baixadas para dar livre acesso aos eflúvios do mar. Do outro lado da avenida, depois da mencionada calçada, estão as edificações que, em luta diária com a agressividade da maresia, desfrutam e padecem da corrosiva proximidade do oceano, ao qual devem seus diversos ainda que certos graus de deterioração.

No entanto, a essência do Malecón havanês não é nem seu muro, nem sua avenida, nem suas edificações carcomidas, mas o fato de ser, de maneira precisa e evidente, a fronteira entre a terra e o mar. Uma terra quente e um mar que, diante da corrente do golfo do México que sobe rumo ao oceano Atlântico, pode ir do tranquilo ao furioso, às vezes num mesmo dia. Porque a fronteira marcada pelo Malecón não é só geográfica (terra e mar), física (sólido e líquido), mas também orgânica e espiritual (dentro e fora), pois representa a que indica com maior evidência para os cubanos, e especialmente para os havaneses, o que foi a essência de uma maneira de ser, de ver e de levar a vida: a insularidade. O Malecón indica o fim de uma coisa e o início de outra, dependendo do ponto de vista ou do estado de ânimo com que se queira vê-lo. Princípio ou fim da ilha; princípio ou fim do que está além, sempre como uma promessa mais ou menos tentadora, mais ou menos inatingível. O Malecón é a marca material e visual de uma condição geográfica, percebido às vezes como uma fatalidade, a qual o poeta Virgilio Piñera, em seu verso mais